



Psicologia USP

ISSN: 0103-6564

revpsico@usp.br

Instituto de Psicologia

Brasil

Caropreso, Fátima

O instinto de morte segundo Sabina Spielrein

Psicología USP, vol. 27, núm. 3, septiembre-diciembre, 2016, pp. 414-419

Instituto de Psicología

São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305149535004>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

O instinto de morte segundo Sabina Spielrein¹

Fátima Caropreso*

Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Juiz de Fora, MG, Brasil

Resumo: O pensamento e a vida de Sabina Spielrein têm despertado um interesse crescente nas últimas décadas, embora sua contribuição teórica tenha ficado em segundo plano em relação a sua biografia. Uma das ideias mais difundidas é a de que ela teria antecipado o conceito freudiano de pulsão de morte, em seu texto *Die Destruktion als Ursache des Werdens*. No entanto, pouco se discute sobre o sentido da sua hipótese e uma análise atenta revela que há diferenças fundamentais que distanciam suas ideias das de Freud. Nesse texto, pretendemos retomar alguns pontos da teoria formulada por Spielrein em seu texto de 1912, tendo em vista melhor elucidar o seu conceito de instinto de morte.

Palavras-chave: Sabina Spielrein, instinto de morte, destruição, devir.

O pensamento e a vida da médica e psicanalista russa Sabina Spielrein tem despertado um interesse crescente nas últimas décadas, principalmente desde a publicação das suas cartas, do seu diário e demais documentos, por Aldo Carotenuto, em 1977. No entanto, a sua contribuição teórica para a compreensão do funcionamento mental normal e patológico tem ficado em segundo plano, em detrimento da ênfase em certos aspectos de sua biografia, em especial, em sua relação pessoal com Carl Jung. No Brasil, acabou de ser publicado o primeiro volume das obras completas de Sabina Spielrein (Cromberg, 2014), o qual contém traduções de alguns de seus principais trabalhos, além de textos comentando aspectos de sua biografia e produção teórica, o que representa uma grande contribuição para aqueles que se interessam pela história da psicanálise.

Frequentemente encontramos, nos textos de comentadores do pensamento de Freud e de Spielrein, a asserção de que, em seu texto *A destruição como causa do devir* (1912), ela teria antecipado a hipótese da pulsão de morte, introduzida por Freud em 1920 (Lothane, 2003; Britton, 2003; Van Wanig, 1992; Robert, 1966; Carotenuto, 1980; Peres, 2012). Na edição de 1943 de *Sobre a psicologia do inconsciente* (1943/1968), Carl Jung já havia afirmado que o conceito freudiano de pulsão de morte foi proposto originalmente por Sabina Spielrein em seu texto de 1912. No entanto, muito pouco se discute sobre o sentido da hipótese de Spielrein e em que medida é possível dizer que ela antecipou o conceito de pulsão de morte proposto por Freud em *Além do princípio do prazer* (1920/1982). Uma análise atenta do texto de Spielrein revela que há diferenças fundamentais que distanciam a sua hipótese daquela de Freud. Além disso, outras ideias apresentadas se aproximam de aspectos fundamentais da teoria formulada por Freud a partir de 1920, em especial, a suposição da existência de

um funcionamento psíquico que antecede aquele regido pelo princípio do prazer. O pensamento de Spielrein revela uma riqueza de ideias e de intuições teóricas e clínicas e parece conter o germe de hipóteses centrais que seriam desenvolvidas na teoria freudiana subsequente. No entanto, ele se assenta sobre outras bases e apresenta uma originalidade teórica que justifica uma análise mais cuidadosa de seu desenvolvimento interno. No presente texto, pretendemos retomar alguns pontos da teoria formulada por Spielrein em seu texto sobre a destruição, tendo em vista melhor elucidar seu conceito de instinto de morte.

A introdução da hipótese do “instinto de morte”

Sabina Spielrein frequentou a Sociedade Psicanalítica de Viena entre outubro de 1911 e março de 1912 (Balsam, 2003). Em 29 de novembro de 1911, ela proferiu a conferência “Sobre a transformação”, na qual apresenta uma parte do artigo *A destruição como origem do devir*, publicado em 1912. Nessa conferência, ela se refere, pela primeira vez, à hipótese de um instinto de morte (Nunberg & Federn, 1974). Como aponta Cromberg (2014), o surgimento do conceito de instinto de morte está diretamente relacionado às questões clínicas do atendimento de Spielrein a pacientes esquizofrênicos na clínica Burghölzi, assim como às questões teóricas levantadas em seu primeiro ensaio *Sobre o conteúdo de um caso de esquizofrenia*, publicado em 1911. Tal ensaio resultou de sua tese realizada sob supervisão de Eugen Bleuler e defendida na Faculdade de Medicina da Universidade de Zurique, em 1911. Como ela mesma conclui, suas reflexões fazem parte da “nova psiquiatria”, movimento de implantação da psicanálise no coração da psiquiatria, que se deu na clínica Burghölzi, na primeira década do século 20 (Cromberg, 2014).

Spielrein inicia o texto “A destruição como origem do devir” (Spielrein, 1912) levantando a questão a respeito de por qual motivo a pulsão de procriação

1 Informações de financiamento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Bolsa de produtividade em pesquisa.

* Endereço para correspondência: fatimacaropreso@uol.com.br

(*Fortpflanzungstrieb*), a mais poderosa das pulsões, pode trazer consigo sentimentos negativos – tais como ansiedade e desgosto – ao lado de sentimentos positivos. O que acontece ao indivíduo na presença da atividade sexual que justifica esse estado mental, pergunta-se ela. Uma série de autores que apontaram essa relação e tentaram explicá-la são mencionados, contudo, ela formula uma hipótese própria para respondê-la: tais sentimentos negativos “correspondem aos componentes destrutivos do instinto sexual” (Spielrein, 1912/2014, p. 232). Adiante, Spielrein fala em um “instinto de morte no instinto sexual” (Spielrein, 1912, p. 259)².

Essa conclusão é enunciada após uma breve reflexão sobre alguns fatos biológicos. Na reprodução, as células unitárias são destruídas dando origem a uma nova vida. Alguns seres inferiores morrem após se reproduzirem. No caso dos seres multicelulares, a diferença seria apenas quantitativa: uma parte do organismo (células germinativas), que representa o organismo inteiro, é destruída. Nesse caso, o componente masculino funde-se com o componente feminino, o qual é reorganizado e assume uma nova forma mediada pelo intruso desconhecido. Assim, diz ela:

... destruição e reconstrução, as quais sempre ocorrem mesmo em circunstâncias normais, ocorrem bruscamente. O organismo descarrega os produtos sexuais como qualquer uma de suas excreções. É improvável que o indivíduo não tenha no mínimo uma suspeita, traduzida em afetos correspondentes, sobre a existência desses processos de destruição e reconstrução em seu organismo. Assim como os próprios afetos de bem-estar associados ao devir estão presentes na pulsão de procriação, os afetos de defesa, como angústia e aversão... correspondem aos componentes destrutivos do instinto sexual (Spielrein, 1912/2014, p. 232)³.

Após apresentar a hipótese da existência de componentes destrutivos nos instintos sexuais, Spielrein parte para a exposição de alguns fenômenos psicológicos que a apoiam e esclarecem. A última parte do texto é dedicada a mostrar que sua teoria também encontra apoio na mitologia e literatura. Na sequência, serão analisadas apenas algumas das hipóteses psicológicas apresentadas no artigo de

1912, pois é principalmente a partir delas que o conceito de instinto de morte pode ser compreendido.

A relação entre o instinto de morte e o instinto sexual no psiquismo

Além dos sentimentos negativos que acompanham frequentemente a atividade sexual, outros fatos psicológicos ilustram a relação necessária entre sexualidade e destrutividade, aponta Spielrein. Entre eles, a grande incidência de neuroses em tempos de guerra, os fenômenos do sadismo e do masoquismo e os casos de intensa fixação parental.

A autora observa que eventos de tempos de guerra são fortemente associados à irrupção de neuroses e sugere que esse fato esteja relacionado a um desarranjo da vida sexual. Representações destrutivas acompanham a guerra e evocam outras representações associadas com o componente destrutivo da pulsão de procriação. Em uma pessoa normal, essas representações poderiam perturbar uma vida que é sentida como efêmera e sem sentido, mas, no caso dos neuróticos, elas seriam mais perniciosas, uma vez que estes esperariam símbolos aptos a representarem suas fantasias destrutivas. Nos neuróticos, as representações de guerra passariam a representar tais fantasias destrutivas. Assim, Spielrein sustenta que “na neurose, o componente da destruição predomina e se expressa em todos os sintomas de resistência à vida e ao destino natural” (Spielrein, 1912/2014, p. 259-260).

Devido ao componente destrutivo inerente aos impulsos sexuais, o homem pode possuir intensamente desejos sádicos, sendo levado a querer destruir o objeto amado, argumenta Spielrein. O sadismo resultaria de uma intensificação de tal componente destrutivo, o qual dirigido ao Eu levaria à autocritica, à autodestruição, que caracterizam o masoquismo. Assim, os fenômenos do sadismo e do masoquismo ilustrariam de forma clara a relação entre sexualidade e destrutividade.

O caso de uma intensa fixação parental também é citado como manifestando de forma evidente a relação entre instinto de morte e instinto sexual. Spielrein defende que, no amado, amamos a semelhança parental e que o acaço determina se uma experiência sexual pré-destinada será ou não ativada. Se as representações fossem ativadas, mas não realizadas, elas permaneceria no psique como um intenso anseio de retornar às origens, mais especificamente, a um estado de fusão com os pais. Segundo ela, uma forte fixação nos pais impediria a transformação para o mundo externo e a libido insatisfeita poderia se conectar novamente a figura parental, resultando em fantasias incestuosas no mundo externo ou em fantasias sintomáticas mais sublimadas, tais como a adoração à natureza ou sintomas religiosos. Ao mesmo tempo, o impulso destrutivo contido na pulsão de procriação seria intensificado, produzindo fantasias de morte mais concretas ou mais sublimadas. No entanto, a representação da morte conectada ao desejo incestuoso não se expressaria (estou morrendo porque não

2 A ideia de uma relação necessária entre sexualidade e destruição já está insinuada nos extratos do diário de Sabina (Spielrein, 2003). No prólogo desse último texto, Jeanne Moll afirma que há indícios de que o mesmo tenha sido escrito entre os anos de 1906 e 1907, embora não seja possível estabelecer com precisão a data de escrita. Em carta a Freud, escrita em 1909, Spielrein já havia mencionado sua teoria sobre a relação entre sexualidade e destrutividade (Carotenuto, 1980).

3 Spielrein (1912) usa os termos “*Instinkt*”, “*Trieb*” e “*Drang*” ao longo do texto. Ela usa “*Instinkt*” nos substantivos compostos “*Todesinstinkt*” (instinto de morte) e “*Sexualinstinkt*” (instinto sexual). O termo “*Drang*” é usado em “*Destruktionsdrang*” (impulso de destruição) e o termo “*Trieb*” é usado em “*Selbsterhaltungstrieb*” (pulsão de autoconservação), “*Arterhaltungstrieb*” (pulsão de conservação da espécie) e “*Fortpflanzungstrieb*” (pulsão de procriação). Ela usa também, em poucas ocasiões, “*Fortpflanzungsinstinkt*” (instinto de procriação) e “*Selbsterhaltungsininstinkt*” (instinto de autoconservação).

posso cometer o pecado). Estar morto significaria, nesse caso, ter alcançado a regressão desejada ao pai. No amor incestuoso menos diferenciado, diz Spielrein, “o desejo de destruição mais evidente corresponde a um desejo mais intenso de devir” (Spielrein, 1912/2014, p. 259).

Com essas hipóteses, a autora parece sustentar a existência de uma tendência regressiva no instinto sexual, a qual consistiria especificamente em uma tendência a retornar a um estado de fusão com os pais. Essa tendência seria intensificada devido à ausência de realização dos impulsos sexuais, o que fortaleceria o componente destrutivo deste, podendo suscitar o fenômeno acima descrito, no qual tal anseio de retornar a um estado de fusão com os pais se expressaria como um desejo de autodestruição.

O instinto sexual apresentaria, então, dois impulsos antagônicos: um impulso destrutivo e outro reprodutivo. O desequilíbrio entre eles faria com que apenas um fosse percebido, o que explicaria o fato de negligenciarmos o instinto de morte no instinto sexual. Nos fenômenos acima descritos, o componente destrutivo estaria exacerbado, no entanto, não haveria devir sem destruição. Nas palavras da autora: “Sob circunstâncias normais, as representações do devir devem predominar um pouco, mesmo porque o devir é resultado da destruição, é determinado pela destruição. No entanto, é muito mais fácil pensar nos resultados finais do que sempre buscar a causa” (Spielrein, 1912/2014, p. 259).

O instinto de morte proposto por Spielrein não visaria à aniquilação do indivíduo como um todo ou da vida enquanto tal, mas sim a destruição do Eu, o que é elucidado, principalmente, pelo fenômeno da demência precoce. O instinto sexual, ou a “pulsão de conservação da espécie” (*Arterhaltungstrieb*), se expressaria psicologicamente em uma tendência à dissolução e assimilação da psique do Eu (*Ichpsyche*).

A oposição entre a tendência à dissolução e a tendência à diferenciação

Spielrein argumenta que a característica principal de um indivíduo é ser um “divíduo”, isto é, um ser dividido. Ela cita a hipótese de Ernst Mach, segundo a qual o Eu seria apenas um agrupamento momentâneo de sensações elementares eternamente vivas; seria algo em contínua mudança e totalmente não essencial. A autora diz acreditar que o nome de Mach está intimamente associado ao de Carl Jung para quem a psique seria composta por muitas partes individuais; por complexos que lutariam entre si pela prioridade. A mais esplêndida confirmação dessa visão, diz ela, é um de seus pacientes com demência precoce cujo Eu o vivenciava tão fortemente os poderes dos complexos ativados que considerava seus próprios desejos inconscientes como seres vivos hostis.

Segundo Spielrein, um evento adquiriria tonalidade emocional apenas na medida em que pudesse estimular tonalidades emocionais de conteúdos previamente vivenciados, que residiriam ocultos no inconsciente. Por esse motivo, nós experimentaríamos muito pouco no presente.

Nossas experiências conscientes seriam apenas alegorias de experiências primitivas desconhecidas que buscariam análogos no presente, diz ela. Pensamentos e representações inconscientes acompanhariam cada representação ou pensamento consciente e transformariam os produtos do pensamento consciente em uma linguagem específica. Esse último processo de transformação é denominado “assimilação” ou “dissolução”. Dessa forma, os conteúdos da consciência se diferenciariam do inconsciente e neste seriam assimilados, o que determinaria a tonalidade emocional de uma experiência. No inconsciente, cada representação diferenciada seria dissolvida, ou seja, transformada em um estado indiferenciado. Um dos exemplos citados para ilustrar esse processo é a fala de uma paciente diagnosticada com demência precoce que dizia “A terra foi perfurada”, em vez de “eu fui fecundada”. A terra representaria a grande mãe ou a representação inconsciente de todas as pessoas. Nessa grande mãe (o inconsciente), a paciente transformaria a si mesma em sua mãe (terra) indiferenciada.

Spielrein distingue, então, entre uma psique do eu e outra mais profunda, denominada “psique da espécie” (*Artpsyche*)⁴. O inconsciente não conteria apenas experiências do passado individual, mas também de inúmeras gerações, de forma que a assimilação inconsciente de eventos que tivessem ocorrido em muitas gerações se encaixaria na cadeia de pensamentos do presente, ou seja, transformaria uma experiência do eu em uma experiência da espécie. Quanto mais nos aproximássemos de nossos pensamentos conscientes, mais diferenciadas seriam nossas representações, ao passo que, quanto mais penetrássemos no inconsciente, mais universais e típicas elas seriam. Segundo a autora: “nossa psique profunda não conhece o Eu, mas apenas sua soma, o Nós” (Spielrein, 1912, p. 472). O Eu presente seria visto como um objeto, subordinado a outros objetos similares. Dessa forma, a psique da espécie consideraria o Eu (ou a psique do Eu) um objeto subordinado e o observaria, de forma que uma parte individual da personalidade poderia ser tomada como objeto.

Na demência precoce, como consequência da falta de atividade do Eu, as representações do Eu seriam transformadas em representações da espécie (*Artvorstellungen*) ou objetivas. Tal patologia poderia ser interpretada como uma batalha entre as duas tendências antagônicas da psique. De acordo com Spielrein: “A psique da espécie quer transformar a representação do Eu em uma representação tipicamente impessoal, a psique do Eu defende-se dessa dissolução . . .” (Spielrein, 1912/2014, p. 240).

Dessa maneira, duas tendências opostas – uma “tendência à dissolução e assimilação” e uma “tendência à diferenciação” – estariam presentes no psiquismo, as quais seriam expressões psíquicas das pulsões de conservação da espécie (*Arterhaltungstrieb*) e de autoconservação (*Selbsterhaltungstrieb*) respectivamente. Assim, a oposição – sustentada ainda por Freud na época – entre esses dois

⁴ Van Waning (1992) e Skea (2006) sugerem que, com sua hipótese de “psique da espécie” (*Artpsyche*), Spielrein antecipa o conceito junguiano de “inconsciente coletivo”.

tipos de pulsões é mantida. O instinto sexual e o instinto de morte a ele associado trabalhariam no sentido da conservação da espécie e dariam origem à tendência à dissolução e assimilação, à qual se oporia a tendência à diferenciação, que seria expressão da pulsão de autoconservação. Enquanto a primeira dessas tendências visaria transformar a experiência do eu em uma experiência da espécie, a segunda visaria manter a inércia da personalidade do Eu. Nas palavras da autora:

A pulsão de autoconservação em nós corresponde à tendência de diferenciação e à capacidade de perseveração de uma partícula do Eu cristalizada externamente ou de toda a personalidade do Eu. A pulsão de conservação da espécie é uma pulsão de procriação, e ela se expressa também psiquicamente na dissolução e na tendência à assimilação (transformação do eu em um nós) com a consequente nova diferenciação a partir da *matéria original*. *Onde o amor reina, o Eu morre, esse despotismo tenebroso* (Spielrein, 1912/2014, p. 260-261).

Como não haveria devir sem destruição, a preservação da espécie daria origem à tendência à dissolução e à assimilação, das quais dependeria a criação de novos seres. A pulsão de autoconservação não daria origem a nada de novo, uma vez que visaria manter a inércia do Eu. Assim, Spielrein argumenta que:

A pulsão de autoconservação é uma pulsão simples, composta apenas de um lado positivo, a pulsão de conservação da espécie, que precisa dissolver o antigo para que o novo surja, é composta de um componente positivo e um negativo. A pulsão de conservação da espécie é, por essência, ambivalente; por isso, o estímulo dos componentes positivos provoca, ao mesmo tempo, o estímulo dos componentes negativos, e vice-versa. A pulsão de autoconservação é uma pulsão “estática”, na medida em que deve proteger o indivíduo que já existe contra influências externas. A pulsão de conservação da espécie é uma pulsão “dinâmica” que anseia pela alteração, pela “ressurreição” do indivíduo em uma nova forma. Nenhuma alteração pode acontecer sem o aniquilamento do estado antigo (Spielrein, 1912/2014, p. 261).

O processo de dissolução e assimilação poderia ser vivido de forma prazerosa ou desprazerosa. Na demência precoce, a transformação das representações do Eu em representações da espécie daria origem inicialmente à angústia e depressão severas. Tais sentimentos surgiriam enquanto o paciente se empenhasse em sustentar uma relação do Eu. Com a progressão da doença, a indiferença se instalaria. Já, na experiência artística, a transformação do conteúdo do Eu no coletivo seria vivida com regozijo. Ao criar o típico, o artista desfruta seu produto sublimado,

argumenta Spielrein. Também no envolvimento com o sexo oposto, a dissolução do Eu no amado seria vivida com alegria. No entanto, ela chama atenção para o fato de que podemos sentir um prazer real no desprazer ou na dor, o que conduz à hipótese de que nem todo o funcionamento psíquico é regido pelo princípio do prazer, tal como ainda defendido por Freud na época.

A psique da espécie e o princípio do prazer

Spielrein argumenta que Freud estava certo em supor que a *causa movens* de nosso Eu consciente e inconsciente é a busca pelo prazer e pela supressão do desprazer, contudo, é necessário questionarmos se toda a vida psíquica reside no Eu. Nós não possuímos impulsos poderosos que colocam em movimento nossos conteúdos psíquicos sem consideração pela miséria do Eu, pergunta-se ela, e sua resposta é a seguinte:

Decididamente tenho de defender a visão de que a psique do Eu, inclusive a inconsciente, é guiada por moções que se encontram ainda mais profundas e não se ocupam nem um pouco com nossas reações emocionais às demandas impostas por elas. O prazer é simplesmente a reação afirmativa do Eu a essas demandas originárias do âmago e nós podemos ter prazer diretamente a partir do desprazer e prazer pela dor, a qual, tomada em si mesma, é fortemente carregada de desprazer, pois a dor corresponde a um prejuízo do indivíduo, contra o qual o nosso instinto de autoconservação se opõe. Portanto, em nosso âmago, há algo que, por mais paradoxal que isso possa soar *a priori*, busca esse autoprejuízo, uma vez que o Eu reage a ele com prazer. O desejo do autoprejuízo, o regozijo pela dor é, no entanto, completamente incompreensível se considerarmos apenas a vida do Eu, a qual só quer ter prazer (Spielrein, 1912/2014, p. 237).

Assim, Spielrein defende que a psique da espécie não obedeceria ao princípio do prazer tal como proposto por Freud. Tal princípio diria respeito apenas ao funcionamento do Eu consciente e inconsciente. Na psique da espécie poderia estar presente um regozijo pela dor que prejudicasse a luta pela autopreservação, assim como um desejo de danificar a si mesmo (ao Eu), o que seria perfeitamente compatível com a hipótese da tendência à dissolução e assimilação. O desejo de ferir a si mesmo e o regozijo pela dor, segundo Spielrein, tornariam necessária a suposição de que nem todos os processos psíquicos trabalham no sentido do princípio do prazer; em outras palavras, de que existe um funcionamento psíquico mais profundo, para “além” desse último princípio. Nas palavras da autora:

A psique do Eu só pode desejar sentimentos de prazer, mas a psique da espécie nos revela o que

desejamos . . . então vemos que os desejos da espécie que vivem dentro de nós não correspondem nem um pouco aos desejos do Eu, que a psique da espécie quer assimilar em si a psique do Eu recente, enquanto o Eu, sim, cada partícula do Eu possui a ambição de se autoconservar na forma presente (capacidade de perseveração) (Spielrein, 1912/2014, p. 241-242).

Dessa psique profunda – cujo funcionamento não obedeceria ao princípio do prazer – proviria o impulso de destruição, ou o instinto de morte, o qual seria um impulso de aniquilação do Eu e não um impulso de destruição do organismo.

Considerações finais

Spielrein propõe a diferenciação entre uma psique da espécie e uma psique do Eu, as quais apresentariam duas tendências antagônicas. A primeira conteria uma tendência à dissolução e à assimilação – expressão psicológica da pulsão de conservação da espécie –, que visaria subsumir o conteúdo do Eu ao da espécie. A segunda manifestaria uma tendência à diferenciação – expressão

psicológica da pulsão de autoconservação –, que visaria manter a inércia do Eu. Enquanto a tendência à dissolução e assimilação se fundamentaria em componentes positivos e negativos, a tendência à diferenciação se basearia apenas em componentes positivos. Como não haveria criação sem destruição, da primeira dessas tendências é que dependeria o surgimento de algo; dela dependeria a preservação da espécie e esta teria como condição a destruição do Eu. A psique da espécie, ao contrário daquela do Eu, não trabalharia no sentido da fuga do desprazer e da busca do prazer.

Assim, a autora mantém a oposição entre pulsões do Eu e pulsões sexuais e insere o instinto de morte no interior dessas últimas. Este instinto não visaria à aniquilação da vida, não visaria à eliminação total da estimulação, como proposto por Freud em 1920, mas visaria à destruição do Eu; a transformação do *Eu* em *Nós*. A hipótese da indissociabilidade entre destruição e criação faz, para Spielrein, não haver uma pulsão puramente negativa, como na teoria freudiana. Em textos posteriores analisaremos com mais detalhes as aproximações e divergências entre os conceitos de Freud e de Spielrein.

The death drive according to Sabina Spielrein

Abstract: Sabina Spielrein's thought and life have attracted an increasing interest in the last decades, although her theoretical contribution has remained in the background in comparison with her biography. One of the most widespread ideas is that in *Die Destruktion als Ursache des Werdens* she anticipated the Freudian concept of death drive. However, the specific meaning of her hypothesis is seldom discussed and, in fact, there are fundamental differences between their views. The objective of this article is to discuss some hypotheses formulated by Spielrein in her 1912 work in order to better elucidate her concept of death drive.

Keywords: Sabina Spielrein, death drive, destruction, come-into-being.

Le concept d'instinct de mort chez Sabina Spielrein

Résumé: L'intérêt pour la pensée et la vie de Sabina Spielrein s'est accru lors des dernières décennies, même si ses contributions théoriques sont restées en second plan par rapport à sa biographie. Une des idées les plus répandues, c'est qu'elle aurait anticipé le concept freudien de pulsion de mort dans son texte *Die Destruktion als Ursache des Werdens*. Toutefois, on discute peu le sens de son hypothèse et une analyse attentive révèle qu'il existe des différences fondamentales qui l'éloignent de Freud. Dans ce texte nous aurons reprendre certains points de la théorie formulée par Spielrein dans son texte de 1912 avec le but d'élucider son concept d'instinct de mort.

Mots-clés: Sabina Spielrein, instinct de mort, destruction, devenir.

El concepto de instinto de muerte según Spielrein

Resumen: El pensamiento y la vida de Sabina Spielrein han despertado un interés creciente en las últimas décadas, aunque su contribución teórica haya quedado en segundo plano respecto de su biografía. Una de las ideas más difundidas es que ella habría anticipado el concepto freudiano de pulsión de muerte en su texto *Die Destruktion als Ursache des Wedens*. Sin embargo, no se ha discutido suficientemente el sentido de su hipótesis y un análisis pormenorizado revela la existencia de diferencias fundamentales que la distancian de Freud. En este texto pretendemos retomar algunos puntos de la teoría formulada por Spielrein en su texto de 1912 con el objetivo de elucidar su concepto de instinto de muerte.

Palabras clave: Sabina Spielrein, instinto de muerte, destrucción, devenir.

Referências

- Balsam, R. M. (2003). Women of the Wednesday Society. *American Imago*, 60(3), 303-342.
- Britton, R. (2003). *Sex, death and the superego: experiences in psychoanalysis*. London, England: Karnac Books.
- Carotenuto, A. (1980). *A secret symmetry: Sabina Spielrein between Jung and Freud*. New York, NY: Pantheon Books. (Trabalho original publicado em 1977)
- Cromberg, R. U. (2014). *Sabina Spielrein: uma pioneira da psicanálise – obras completas / volume 1*. São Paulo, SP: Livros da Matriz.
- Freud, S. (1982). Jenseits des Lustprinzips. In S. Freud, *Sigmund Freud Studienausgabe* (Vol. III, pp. 213-272). Frankfurt, Deutschland: Fischer. (Trabalho original publicado em 1920)
- Jung, C. G. (1968). On the psychology of the unconscious. In C. G. Jung, *The collected works of C. G. Jung* (vol. 7). Princeton: Princeton University Press. (Trabalho original publicado em 1943)
- Lothane, Z. (2003). Tender love and transference: unpublished letters of C. G. Jung and Sabina Spielrein. In C. Covington, & B. Wharton (Eds.), *Sabina Spielrein: Forgotten pioneer of psychoanalysis* (pp. 191-225). New York, NY: Brunner-Routledge.
- Nunberg, H., & Federn, P. (1974). *Minutes of the Vienna Psychoanalytic Society – 1910-1911*. New York, NY: International Universities Press.
- Peres, R. S. M. (2012). Sabina Spielrein: do que não se pode falar, do que não se pode saber. *Letra Freudiana XI*, (10), 58-62.
- Robert, M. (1966). *The psychoanalytic revolution: Sigmund Freud life and achievement*. New York, NY: Harcourt, Brace & World.
- Skea, B. R. (2006). S. Spielrein: out from the shadow of Freud and Jung. *Journal of Analytical Psychology*, 51(4), 527-552.
- Spielrein, S. (1911). Über den psychologischen Inhalt eines Falles von Schizophrenie – Dementia Praecox. *Jahrbuch für psychoanalytische und psychopathologische Forschungen*, 3(1), 329-400.
- Spielrein, S. (1912). Die Destruktion als Ursache des Wedens. *Jahrbuch für psychoanalytische und psychopathologische Forschungen*, 4(1), 465-503.
- Spielrein, S. (2014). A destruição como origem do devir. In R. U. Cromberg (Org.), *Sabina Spielrein: uma pioneira da psicanálise – obras completas / volume 1* (pp. 227-277). São Paulo, SP: Livros da Matriz. (Trabalho original publicado em 1912)
- Spielrein, S. (2003). Unedited extracts from a diary. In C. Covington, & B. Wharton (Eds.), *Sabina Spielrein: forgotten pioneer of psychoanalysis* (pp. 15-31). New York, NY: Brunner-Routledge.
- Van Waning, A. (1992). The works of pioneering psychoanalyst Sabina Spielrein –‘destruction as a cause of coming into being’. *International Review of Psycho-Analysis*, 19, 399-414.

Recebido: 01/04/2015

Revisado: 09/09/2015

Aprovado: 17/09/2015